

# Mapeamento dos Cursos de Graduação dos Setores Criativos nas Instituições de Ensino Superior Gaúchas<sup>1</sup>

Cristiano Max Pereira Pinheiro<sup>2</sup>

Eric Charles Henri Dorion<sup>3</sup>

Mauricio Barth<sup>4</sup>

<http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2017.39.353-375>

## Resumo

O presente trabalho tem como contribuição e objetivo um mapeamento das instituições, cursos, temporalidade, número de estudantes e profissionais, indicadores produtivos e impactos de suas ações sob a ótica da indústria e da economia criativa como um sistema complexo, apresentando o levantamento dos cursos de Graduação dos setores criativos ofertados por IES do Rio Grande do Sul. Como procedimentos metodológicos, a pesquisa mostra-se de cunho explicativo-descritivo, utilizando-se de uma coleta de dados que reuniu todos os cursos de IES relacionados aos setores criativos com localização no RS. Para a seleção dos cursos foram utilizadas as categorias estabelecidas pelo Plano da Secretaria da Economia Criativa do Ministério da Cultura: Patrimônio; Expressões Culturais; Artes do Espetáculo; Audiovisual, do Livro, da Leitura e da Literatura; Criações Funcionais. Quanto ao mapeamento da oferta dos cursos, optou-se por dois modelos de divisão geográfica: (a) Mesorregiões e Microrregiões e (b) Coredes. Ao fim deste estudo constatou-se, entre outros pontos, que existem 73 IES gaúchas com ofertas de cursos de formação em áreas de setores criativos e uma oferta total de 424 cursos. Percebe-se, ainda, que a formação universitária relacionada aos cursos da categoria Patrimônio apresentam uma mesma concentração nas Mesorregiões Metropolitana de Porto

<sup>1</sup> Artigo vinculado à Pesquisa “Universidade Criativa: o papel das IES como território de desenvolvimento da Indústria Criativa no Rio Grande do Sul” financiada pelo CNPQ.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); coordenador do Laboratório de Criatividade e professor do Mestrado em Indústria Criativa da Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS. maxrs@feevale.br

<sup>3</sup> Doutor em Administração pela Université de Sherbrook, Canadá. Cônsul do Canadá no Estado do Rio Grande do Sul. Professor do Mestrado em Administração da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e do Mestrado em Indústria Criativa da Universidade Feevale. eric@feevale.br

<sup>4</sup> Mestre em Indústria Criativa pela Universidade Feevale; professor no curso de Publicidade da Universidade Feevale. mauricio@feevale.br

Alegre e Nordeste, seguidas da Mesorregião Sudeste. Já os cursos relacionados à área de Expressões Culturais não possuem uma representatividade influente no Estado, com sua maior oferta ocorrendo na Mesorregião Metropolitana. A Mesorregião Sudeste apresenta uma significativa contribuição na oferta de formação em Artes do Espetáculo, mesmo se comparada à oferta da Mesorregião Metropolitana; ainda, a oferta absoluta dos cursos da área é menor apenas que da categoria de Criações Funcionais. A maioria dos cursos dessa categoria são variações e habilitações de cursos de Letras. E, assim como nas Artes do Espetáculo, as áreas que mais se destacam após a Mesorregião Metropolitana são as Mesorregiões Noroeste e Sudeste. As Criações Funcionais são os cursos com maior oferta absoluta, com grande concentração na Mesorregião Metropolitana. A Mesorregião Nordeste também se destaca na oferta de cursos, devido ao número de indústrias, o polo metal-mecânico e a proximidade com a região Metropolitana.

**Palavras-chave:** Indústria criativa. Setores criativos. Universidades.

## **MAPPING OF UNDERGRADUATE COURSES OF CREATIVE INDUSTRIES IN INSTITUTIONS OF HIGHER EDUCATION OF RIO GRANDE DO SUL**

### **Abstract**

---

This work contributes to the mapping of the moments, the institutions and its courses, the number of students and professionals, the production indicators and their impacts from the perspective of the Creative Industry and Economy, by presenting a survey of undergraduate courses from creative sectors offered by all universities and colleges in Rio Grande do Sul. The methodological procedures are explanatory and descriptive, using a data collection that integrates all data from universities and colleges related to creative industries. The categories established by the Plan of the Secretariat of the Creative Economy of the Ministry of Culture were utilized for the selection of the courses. The concepts of heritage, cultural expressions, performing arts, audiovisual, books, reading and literature and functional creations represented the general categories of the analysis. Two models of geographical division: (a) Meso-regions and Micro-regions and (b) Corede, were used for the mapping of the courses. The results show, among other things, the existence of 73 courses in the areas of creative industry in a total of 424 courses. In terms of meso-regions, the concentrations of courses related to the heritage category are higher in the Metropolitan region of Porto Alegre and the northeast part of Rio Grande do Sul. The courses related to the field of Cultural Expressions show a lower representation, limited to the metropolitan area of Porto Alegre. The Southeast meso-region presents a significant contribution in Performing arts courses, where the absolute supply of courses in the area is only second to the category of Functional Creations. Most courses in this category are variations of courses and qualifications Letters. Arts Entertainment is an area that stands out after the metropolitan and northwest meso-regions. The Functional Creations courses are the ones with the highest level of offer, with a large concentration in the metropolitan area. The northeast Meso-region also excels in offering courses, due to its high number of industries, as a metal-mechanical pole.

**Keywords:** Creative industry. Creative sectors. Universities.

O presente trabalho é parte integrante da pesquisa “Universidade Criativa: o papel das IES como território de desenvolvimento da indústria criativa no Rio Grande do Sul”, que visa a discutir o papel das Instituições de Ensino Superior (IES) como território de desenvolvimento criativo no respectivo Estado. O artigo tem como principal contribuição e objetivo um mapeamento das instituições, cursos, temporalidade, número de estudantes e profissionais, indicadores produtivos e impactos de suas ações sob a ótica da indústria e da economia criativa como um sistema complexo, apresentando o levantamento dos cursos de Graduação dos setores criativos ofertados por Instituições de Ensino Superior do Rio Grande do Sul. Os resultados desse levantamento e a análise servem como base fundamental para avançar e questionar outros pontos com mais profundidade, tais como:

- a) a retenção e a atração de talentos territoriais pela perspectiva das IES;
- b) a contribuição do projeto pedagógico de cursos na formação de profissionais de setores criativos;
- c) os indicadores que podem estabelecer medições de criatividade para as IES.

Tais questionamentos não podem ser aprofundados sem uma estratificação inicial dos dados propostos por esse trabalho. De fato, usando outras perspectivas metodológicas, até poderiam ocorrer estudos, porém, para que a filosofia multidisciplinar do campo da indústria e da economia criativa possa gerar resultados válidos e relevantes, essa etapa da pesquisa torna-se essencial para o aprofundamento das próximas questões.

Para sustentar o caminho proposto, o trabalho apresenta três estágios. Inicialmente, a fundamentação teórica deste artigo visa a estabelecer a relação entre os conceitos e as definições de indústria, setores e economia e as apropriações criativas que essas dimensões realizam, utilizando-se dos estudos de Florida (2002) para estabelecer a necessidade do entendimento do papel da universidade nessa cadeia conceitual criativa e, assim, perce-

ber que as IES são espaços territorializados que desenvolvem e incitam as características consolidadas nas pesquisas relacionadas ao que são indústria e economia criativa.

Em seguida, como segundo estágio, para subsidiar algumas das diversas questões apontadas na fundamentação, optou-se pela coleta inicial de dados de oferta e localização geográfica. Para isso, o tópico destinado ao método apresenta a forma da coleta de dados, utilizando como fontes secundárias o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e a Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul (FEE).

Para finalizar, o terceiro estágio dedica-se à análise dos dados, discutindo questões que permitem o entendimento dos diversos cenários de uma forma mais orgânica e condizente com a natureza criativa, utilizando-se, para isso, as seguintes categorias: Patrimônio; Expressões Culturais; Artes do Espetáculo; Audiovisual, do Livro, da Leitura e da Literatura; Criações Funcionais.

Sendo assim, após a descrição dos três estágios que nortearão o estudo, a seção seguinte discorre acerca dos conceitos que permeiam a classe criativa.

## **Classe Criativa**

Com o desenvolvimento social e econômico de uma sociedade, novas teorias acabam conceituando novas tribos ou classes (MAFESOLLI, 1995; BAUDRILLARD, 1991, 2004; WOLTON, 2003). Nessa perspectiva, a economia e a orientação governamental influenciam diretamente na ascensão e no declínio destas novas classes. Destaca-se, entre estas, a classe criativa, que é constituída por pessoas inventivas e que possuem um desenvolvimento cognitivo que privilegia a descoberta e a exploração (SIMONTON, 2000; FLORIDA, 2002). Este perfil de pessoas trabalha arduamente para diferenciar seu trabalho dos demais e, nessa relação, a distinção caracteriza-se, fundamentalmente, como indispensável. Inclusive, como característica

representativa, destaca-se que, entre os criativos, o dinheiro não é algo essencial, pois eles necessitam, sim, de desafios e estímulos para atingir suas metas e continuar progredindo por meio de sua capacidade e mérito próprio. Segundo Heerwagen (2011), “*complex and challenging jobs that enable workers to decide how to carry out tasks are more likely to encourage intrinsic motivation that, in turn, increases creativity.*” Essa flexibilização dos processos e da filosofia trabalhista é assinalada como uma característica dos trabalhadores dos setores criativos e chamada, conceitualmente, de *boundarylessness* (ARTHUR; ROUSSEAU, 1996; BRIDGSTOCK, 2011).

Para Florida (2002), a principal mudança está relacionada às atividades e experiências no trabalho que tragam aos criativos prazer e encanto, ou seja, estes trabalhadores criam valor econômico por meio da criatividade, agregando valor à indústria e aquecendo a economia por meio das suas boas ideias. De modo raro, um criativo limita-se a trabalhar em uma única empresa por toda sua vida, optando, muitas vezes, por trabalhar com projetos, ao invés de dedicar toda a sua carreira entrelaçado às burocracias existentes nas organizações (BRIDGSTOCK, 2011).

Somos poucos os que trabalham para a mesma grande empresa por toda vida, e somos bem menos propensos a relacionar nossa identidade ou autoestima àqueles para quem trabalhamos. Nós levamos em consideração tanto questões financeiras quanto a possibilidade de ser nós mesmos, de determinarmos nosso horário e de realizarmos trabalhos instigantes (FLORIDA, 2002, p. 10).

Florida (2002) faz, ainda, duas classificações distintas para profissionais que trabalham com a criatividade. São elas: os *criativos* – como advogados, administradores de empresa, profissionais da saúde, entre outros –, que se dedicam a resolver problemas específicos; os *hipercriativos* – que podem ser professores, poetas, universitários, cientistas, artistas, entre outros –, que se dedicam à inovação, buscando novas formas de resolver os problemas, justamente por possuírem potencial de mudança.

Você não nasce uma pessoa X [...], você adquire esse *status* por meio de um trabalho árduo de descoberta onde a curiosidade e a originalidade são indispensáveis. Os indivíduos X são independentes [...]. Eles adoram o que fazem e trabalham até que finalmente se sintam realizados (FLORIDA, 2002, p. 67-68).

Para Bridgstock (2011), estamos imersos em um ambiente de desenvolvimento humano e tecnológico guiado atualmente pela inovação e criatividade, e a classe criativa parece buscar o aprofundamento de suas competências, precisamente, na universidade. A busca pela qualificação independe do fato de que “*people invest in preparation for careers in creative work than can expect to earn normal pecuniary returns on their investments*” (CAVES, 2003, p. 77). De acordo com um dos modelos de relação entre economia e criatividade propostos por Potts e Cunnhingham (2008), os autores afirmam que a economia criativa pode ser encarada como uma operação empreendedora industrial; dessa maneira, ela estaria influenciando a forma como as outras indústrias e a própria economia guiam seus processos atuais. De acordo com esse paradigma, denominado pelos autores de Modelo de Inovação, é atribuída a mesma característica à ciência, à educação e à tecnologia, dissertando que essas influenciam os demais processos administrativos e econômicos nos sistemas de inovação.

O papel que a educação possui nos diversos sistemas sociais é indiscutível, em especial no que pulsa nas indústrias e na economia criativa. Sendo assim, o presente ensaio inicia uma pesquisa exploratória do papel dos cursos de Graduação com formação nos setores criativos, delimitados no Estado do Rio Grande do Sul. A intenção é iniciar a discussão acerca de como os cursos de Graduação – referindo-se aos setores criativos – estão distribuídos no Estado, em relação à oferta, à localização e ao momento de instalação.

A meu ver, a presença de uma importante Universidade de pesquisa é um componente essencial de infraestrutura na economia criativa – mais importante do que os canais, as ferrovias e os sistemas rodoviários do passado – e uma enorme fonte em potencial de vantagem competitiva (FLORIDA, 2002, p. 292).

O potencial da universidade como alicerce de desenvolvimento regional é de interesse das dimensões, tanto de negócios e política quanto, propriamente, acadêmica (BRIDGSTOCK, 2011). A visão do papel dela, porém, sob certa ótica, pode ser reducionista, determinando-a como uma geradora de pesquisa e desenvolvimento para transferência tecnológica e geração de movimento empreendedor. Isso é, sem dúvida, importante, contudo ela possui no processo da economia criativa, responsabilidade em todas as dimensões, denominadas por Florida como os 3 Ts: tecnologia, talento e tolerância.

As universidades são territórios que abrigam *tecnologia* de produção para o ensino e a extensão, bem como para o desenvolvimento científico. Isso caracteriza-as como espaços de avanço e alta tecnologia. A discussão entre possuir equipamentos e produzir, dependendo dos fins de cada setor criativo ou de forma geral, é um ponto de aprofundamento;

Na dimensão do *talento*, as IES são, por natureza, polos de atração de acadêmicos e de geração de empresas, as quais também acabam se fixando nas proximidades, em incubadoras, parques tecnológicos e, dessa maneira, geram novas oportunidades de trabalho e atraem mais talentos;

Pela atmosfera universitária, os espaços das IES acabam sendo mais inclusivos em qualquer sentido de discussão de credo, cor, orientação sexual ou discriminação das mais diversas. Atualmente, o MEC, em suas políticas, determina disciplinas que abordem diretamente essas questões (BRASIL, 2009). Os campi das IES, dada a reflexão humanística, apresentam condições de uma relação frutífera de culturas, tornando-se um espaço de *tolerância* maior, inclusive, que os próprios municípios em que se localizam.

Apesar do papel desempenhado pelas universidades nos 3 Ts, elas não são capazes de gerar, sozinhas, todo o movimento necessário para o desenvolvimento de uma cadeia produtiva baseada nos setores criativos. Para tanto as IES necessitam de atores que transformem os ativos intangíveis gerados pela formação e pesquisa em recursos econômicos. Neste sistema, segundo Fogarty e Sinha (1999), as universidades de antigas regiões industriais tendem a não conseguir transformar seu capital criativo em recurso econômico, levando essa transformação para áreas de mais alta tecnologia.

A análise do mapeamento dos cursos de setores criativos nas IES gaúchas tem como finalidade posterior servir de base para abordar discussões que aprofundem conceitos construídos nos estudos de indústria e economia criativa relacionados à formação e capacitação dos sujeitos (FLORIDA, 2002; FOGARTY; SINHA, 1999; HOWKINS, 2001; POTTS; CUNNINGHAM, 2008; BRIDGSTOCK, 2011). Temas como os currículos e sua relação com o potencial criativo, sua adequação com a matriz econômica da região e outros levantamentos acerca do problema são instigantes para a próxima etapa de pesquisa. Para atender aos objetivos da primeira etapa, contudo, foi estabelecido um formato metodológico que privilegia os dados oficiais dos órgãos de governo. Tanto os dados coletados como as categorias de classificação para o mapeamento, são parâmetros e bases de setores governamentais como Ministério da Educação, Fundação de Economia e Estatística do Estado Rio Grande do Sul e Ministério da Cultura.

Apresenta-se, na próxima seção, o percurso metodológico deste estudo.

## Método

Partindo da concepção de que método é um procedimento ou caminho para alcançar determinado fim e que a finalidade da ciência é a busca do conhecimento, podemos concluir que o método científico é um conjunto de procedimentos adotados. Sendo assim, com o propósito de atingir o conhe-



cimento, esta pesquisa mostra-se de cunho descritivo e busca aumentar o entendimento do papel da universidade na indústria e na economia criativa a partir dos cursos de Graduação nas áreas dos setores criativos.

Segundo Gil (2002), as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, enquanto as explicativas investigam, mais profundamente, o conhecimento da realidade, em que ambas são procedimentos racionais, cujo objetivo é encontrar respostas aos problemas que são propostos.

Para isso realizou-se uma coleta de dados reunindo todos os cursos de Instituições de Ensino Superior relacionados aos setores criativos – segundo o Plano da Secretaria da Economia Criativa do Ministério da Cultura 2011-2014 (2011) – cadastrados no site do MEC,<sup>5</sup> com localização no Estado do Rio Grande do Sul. Para a seleção dos cursos que pertenciam a cada campo foram utilizadas as categorias estabelecidas pelo Plano da Secretaria da Economia Criativa do Ministério da Cultura 2011-2014 (2011), sendo elas:

- a) Patrimônio
- b) Expressões Culturais
- c) Artes do Espetáculo
- d) Audiovisual, do Livro, da Leitura e da Literatura
- e) Criações Funcionais.

O Plano da Secretaria da Economia Criativa não descreve por quais razões os setores criativos são separados desta forma. Há uma pequena explicação mais abrangente nas páginas 26, 27 e 28 que ressalta que os setores criativos são:

---

<sup>5</sup> Disponível em: <mec.mec.gov.br>. Acesso entre os dias: 5 ago. 2013 e 18 set. 2013.

Os setores de natureza essencialmente criativa, isto é, os setores cujas atividades produtivas têm como processo principal um ato criativo gerador de valor simbólico, elemento central da formação do preço, e que resulta em produção de riqueza cultural e econômica.

O documento do governo estabelece uma definição para cada área, e essa definição específica foi utilizada para separar os cursos coletados no *site* do MEC. Apesar da diretriz estabelecida, em alguns casos ocorreram dúvidas relacionadas à sua categorização, inicialmente com os cursos de Arteterapia, Cosmética, Fotografia, Estética e Gestão Cultural. A seguir destacam-se alguns destes questionamentos predominantes:

Por que os cursos de Arteterapia, Cosmética e Estética são considerados Expressões Culturais se estão relacionados, diretamente, com o bem-estar do ser humano, podendo assim ser adicionados também às criações funcionais, uma vez que criam um produto para a satisfação de alguém?

Por que o curso de Gestão Cultural, classificado como Expressões Culturais, não poderia estar agregado ao campo de Artes do Espetáculo ou de Criações Funcionais, posto que é um campo de gestão e todos os campos trabalham diretamente com a gestão da cultura e da criatividade?

Por que o curso de Fotografia, qualificado como Criações Funcionais, não poderia ser classificado, também, como Artes do Espetáculo, Expressões Culturais ou, ainda, pertencer ao campo do Patrimônio, levando em consideração que uma fotografia pode ser um registro histórico?

Percebe-se, então, que o mais complexo da classificação dos cursos é definir, especificamente, por que deixá-los em determinados campos se eles pertencem, também, a outros. De qualquer forma, assim que os cursos foram classificados por campos, iniciou-se a coleta pelas informações presentes no site do MEC, como nomenclatura de curso, cidade, setor e Instituição de Ensino Superior. Para realizar o mapeamento da oferta de cursos superiores optou-se por dois modelos de divisão geográfica, sendo eles:

- a) baseado nas definições das Mesorregiões e Microrregiões que puderam ser encontradas no site do governo do Estado do Rio Grande do Sul,<sup>6</sup> na área da Fundação de Economia e Estatística;
- b) baseado nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento do Rio Grande do Sul (Coredes), utilizando uma relação com a Mesorregião de pertencimento e, por sua vez, com a Microrregião pertencente. Para estabelecer essa definição utilizou-se, para análise, um mapa do Estado do RS com as Mesorregiões e outro com os Coredes (ambos da FEE).

A partir dessas divisões foram buscadas formas de estabelecer qual cidade pertencia a qual Corede, utilizando-se a ferramenta de consulta do *site* Consulta Popular do governo do Estado do Rio Grande do Sul.<sup>7</sup> Durante o processo de coleta de dados no *site* do MEC para fazer a separação dos cursos e seus respectivos campos, encontraram-se dificuldades com as Instituições de outros Estados que estavam misturadas na parte destinada à pesquisa no Estado do Rio Grande do Sul e, também, com as Instituições que se localizam nas fronteiras vizinhas. Para solucionar a questão optou-se por determinar que as IES de outros Estados, como Paraná, Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro e o Distrito Federal, não seriam usadas. A dúvida recorrente que surgira, porém, era se algumas dessas Instituições que estavam misturadas poderiam ter uma sede em algum município no Estado do Rio Grande do Sul ou se havia a possibilidade de cursar disciplinas a distância. Por isso, entrou-se em contato para a confirmação dos cursos ofertados pelas Instituições. Infelizmente não se obteve retorno de nenhuma delas e, então, todas foram desconsideradas posteriormente. E, para aquelas que estão localizadas na fronteira com o Uruguai ou com Santa Catarina e que não teriam o Corede necessário para serem usadas na pesquisa, o *Google Maps* foi utilizado para fazer a distinção da localização entre os municípios, escolhendo uma cidade mais próxima e que estivesse localizada no Rio Grande do Sul.

<sup>6</sup> Disponível em: <[www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/unidades\\_geo\\_mesos.asp](http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/unidades_geo_mesos.asp)>. Acesso entre os dias: 15 ago. 2013 e 25 set. 2013.

<sup>7</sup> Disponível em: <[www.consultapopular.rs.gov.br](http://www.consultapopular.rs.gov.br)>. Acesso entre os dias: 5 ago. 2013 e 18 set. 2013.

Ao classificar os setores como público e privado, havia uma série de nomenclaturas diferentes utilizadas no *site* do MEC, por isso utilizou-se uma única terminologia para cada. Sabe-se, contudo, que eles são compostos por outros nomes e o setor público pode também ser denominado Autarquia Federal, Fundação Federal, Órgão Público do Poder Executivo Federal e Órgão Público do Poder Executivo Estadual ou do Distrito Federal. Já o setor privado também pode ser chamado de Associação Privada, Fundação Privada, Sociedade Anônima Fechada, Sociedade Empresária Limitada, Sociedade Simples Limitada e Serviço Social Autônomo. O problema com as nomenclaturas não estava presente somente nos setores, mas, também, nos cursos de Graduação. Um exemplo notório foi no caso do curso de Letras que é composto por 23 nomenclaturas distintas no *site* do MEC.

A seguir aborda-se, na próxima seção, os resultados e a análise desta pesquisa.

## Resultados e Análise

Apresentando os resultados de uma perspectiva geral para uma perspectiva específica, pode-se apreciar o resultado da classificação do total de cursos ofertados por cada IES gaúcha que possui cursos que se encaixam nas categorias do Plano de Economia Criativa do Ministério da Cultura. Conforme a metodologia de coleta de dados, as informações foram colhidas da base de dados eletrônicos do Ministério da Educação (e-mec), podendo gerar distorções caso essa não esteja auditada e atualizada, porém, é a informação oficial que pode sustentar as análises.

Tabela 1 – Ranking das 10 IES gaúchas com maior oferta de cursos de Formação em Setores Criativos

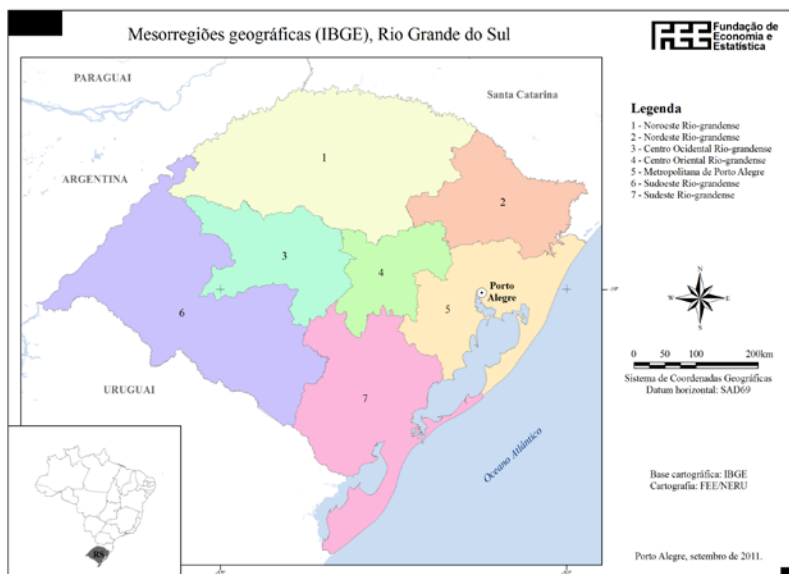
UNIVERSIDADES	TOTAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – UFPel	33
UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL – Ulbra	23
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS	23
UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO – UPF	22
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – Unisinos	21
UNIVERSIDADE FEEVALE – Feevale	20
UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL – UCS	20
UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL – Unisc	16
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM	14
CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES – Univates	13
<b>Total = 73</b>	<b>Total = 424</b>

Fonte: Elaborada pelos autores.

Pela observação do ranking, temos a UFPel com uma distância de 10 cursos para o segundo colocado, a Ulbra. Essa distância ocorre pela oferta de diversas habilitações nos cursos de Letras e Música da IES. Entre o segundo e o sétimo lugar há apenas 3 cursos de diferença, tornando muito próxima a colocação no ranking. No total são 73 IES gaúchas com ofertas de cursos de formação em áreas de setores criativos, e uma oferta total de 424 cursos, segundo a base do Ministério da Educação.

Para as análises territoriais foram utilizadas divisões geográficas e políticas de acordo com a FEE. Na Figura 1 são apresentadas as divisões geográficas de acordo com as Mesorregiões. Elas balizaram a análise de maneira mais ampla na distribuição das IES gaúchas com oferta de cursos de Graduação nas áreas de formação dos setores criativos.

Figura 1 – Mesorregiões geográficas



Fonte: FEE (Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul).

A tabela a seguir está montada de acordo com os somatórios de cursos pelas Mesorregiões, isso por que a coleta ocorreu pelas cidades que, posteriormente, foram agrupadas por Coredes, suas localizações em Microrregiões e, depois, nas Mesorregiões.

Tabela 2 – Setores criativos

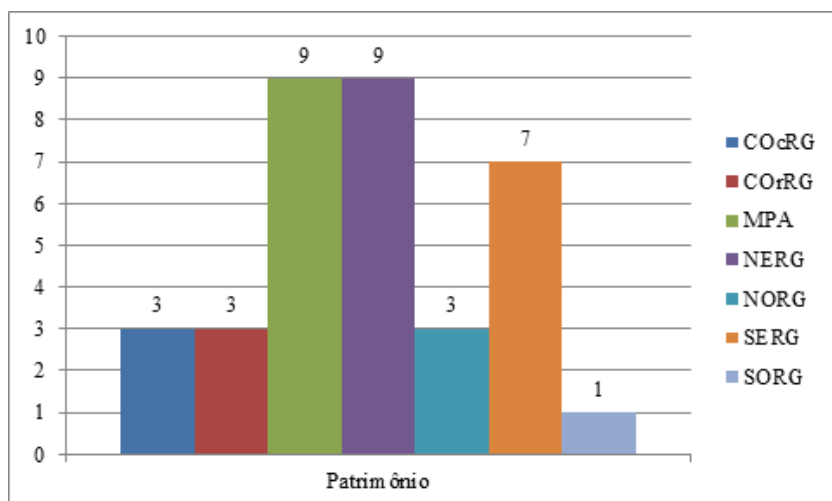
Setores Criativos	COcRG	COrRG	MPA	NERG	NORG	SERG	SORG
Patrimônio	3	3	9	9	3	7	1
Expressões Culturais	1	4	21	8	8	4	1
Artes do Espetáculo	4	0	15	2	5	10	1
Audiovisual, do Livro, da Leitura e da Literatura	8	11	58	13	20	22	5
Criações Funcionais	6	12	69	36	24	13	8
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>30</b>	<b>172</b>	<b>68</b>	<b>60</b>	<b>56</b>	<b>16</b>

Fonte: Elaborada pelos autores.

Pelos indicadores de ofertas de cursos pode-se perceber que a Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre tem destaque no número total (172). Excetuando-se esta Mesorregião, outras três se destacam pelo número total de cursos: Nordeste, Noroeste e Sudeste. Nesta relação numérica entre os setores pode-se perceber que o maior número de cursos de cada região são os da categoria Criações Funcionais, em 70% das Mesorregiões. Cabe salientar dois casos: Centro Ocidental e Sudeste, que saem da regra e têm no setor de Audiovisual, do Livro, da Leitura e da Literatura seu maior número de cursos. E, no caso da região Sudeste, além deste setor, destaca-se o de Artes e Espetáculos, com um alcance de quase 66% comparado com o índice da Mesorregião de Porto Alegre.

Seguindo do segmento amplo para uma fração específica, faz-se necessário um recorte pelo setor criativo, em que algumas das análises anteriores já apontavam as regiões com maior destaque e que podem ter ligação com seu desenvolvimento histórico e cultural. Ao destacarmos os setores criativos, obtemos os gráficos seguintes para análise.

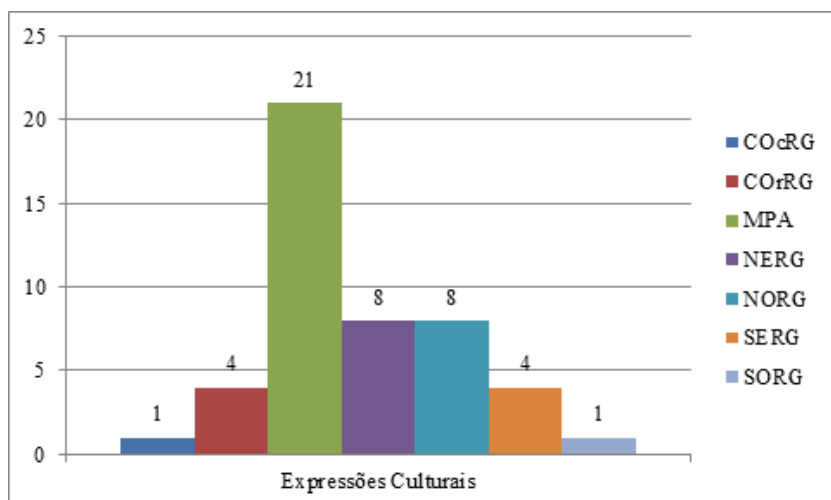
Gráfico 1 – Patrimônio



Fonte: Elaborado pelos autores.

A formação universitária relacionada aos cursos da categoria Patrimônio apresenta uma mesma concentração nas Mesorregiões Metropolitana de Porto Alegre e Nordeste, seguidas da Mesorregião Sudeste. Esta é a única categoria na qual existe uma equiparação com a Região Metropolitana. Pela análise, isso se deve ao contexto histórico desses lugares e, por essa razão, as IES continuam no trabalho de formação de profissionais.

Gráfico 2 – Expressões Culturais

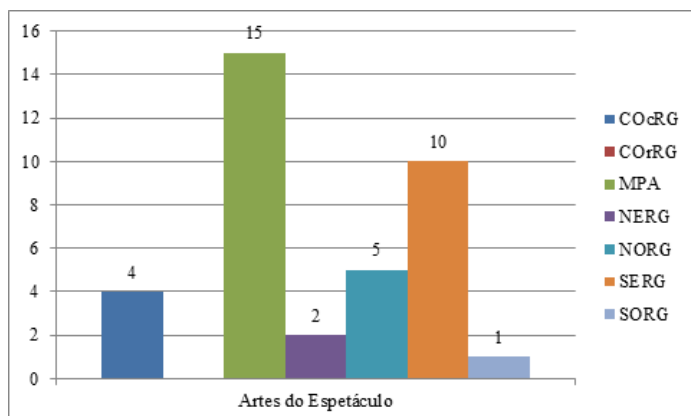


Fonte: Elaborado pelos autores.

Os cursos relacionados à área de Expressões Culturais não possuem uma representatividade influente no Estado, tendo sua maior oferta na Mesorregião Metropolitana de Porto Alegre. As categorias de Expressões Culturais e Patrimônio geraram muitas dúvidas em sua classificação. Nesta análise, além da Mesorregião Metropolitana, é possível perceber um maior volume de cursos no Norte, em virtude dos cursos de Gastronomia, que acabam destacando-se como expressão cultural de um povo.



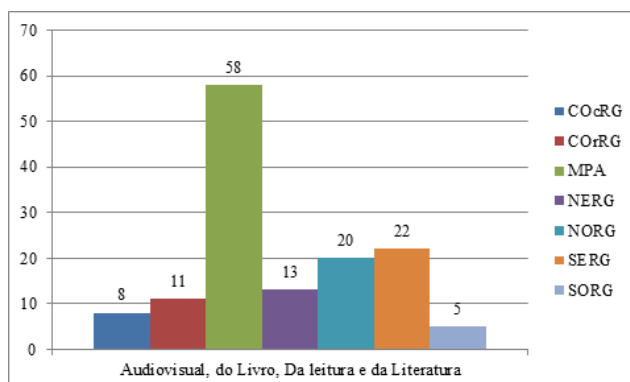
Gráfico 3 – Artes do Espetáculo



Fonte: Elaborado pelos autores.

A Mesorregião Sudeste apresenta uma significativa contribuição na oferta de formação em Artes do Espetáculo quando comparada à oferta da Mesorregião Metropolitana. Esse cenário é consequência histórica de seu desenvolvimento econômico e uma busca por sofisticação intelectual e cultural nessa região. No banco de dados, de forma mais detalhada, a maioria dos cursos dessa área é ofertado no campo da Música.

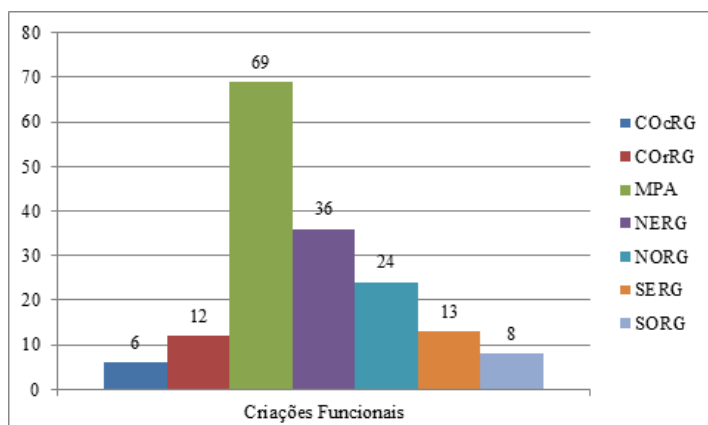
Gráfico 4 – Audiovisual, do Livro, da Leitura e da Literatura



Fonte: Elaborado pelos autores.

A oferta absoluta dos cursos da área é menor apenas que da categoria de Criações Funcionais. A maioria dos cursos dessa categoria são variações e habilitações de cursos de Letras. E, assim como nas Artes e Espetáculo, as áreas que mais se destacam após a Mesorregião Metropolitana são as Mesorregiões Noroeste e Sudeste.

Gráfico 5 – Criações Funcionais



Fonte: Elaborado pelos autores.

As Criações Funcionais são os cursos com maior oferta absoluta, com grande concentração na Mesorregião Metropolitana. A Mesorregião Nordeste também se destaca na oferta de cursos, devido ao número de indústrias, o polo metal-mecânico e a proximidade com a Região Metropolitana.

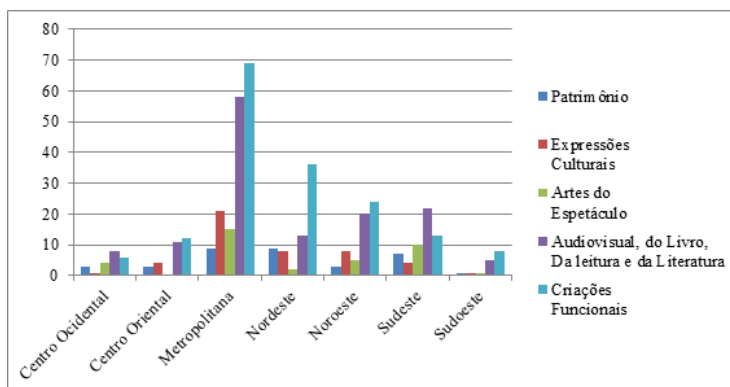
Tabela 3 – Patrimônio, Expressões Culturais, Artes do Espetáculo, Audiovisual e Criações Funcionais

Patrimônio	Expressões Culturais	Artes do Espetáculo	Audiovisual, do Livro, da Leitura e da Literatura	Criações Funcionais
3	1	4	8	6
3	4	0	11	12
9	21	15	58	69

9	8	2	13	36
3	8	5	20	24
7	4	10	22	13
1	1	1	5	8
<b>35</b>	<b>47</b>	<b>37</b>	<b>137</b>	<b>168</b>

Fonte: Elaborada pelos autores.

Gráfico 6 – Mesorregiões X Categorias Criativas



Fonte: Elaborado pelos autores.

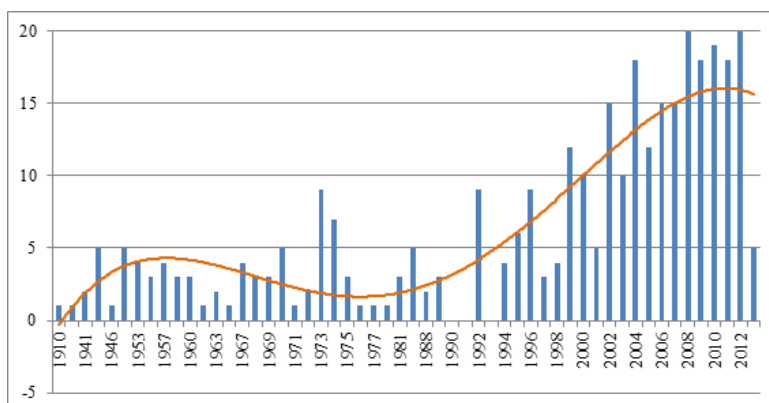
O total de cursos ofertados no Estado é de 424. Desses, 305 estão entre as áreas de Audiovisual e Letras e Criações Funcionais. A diferença entre as categorias, sob uma análise epistemológica, pode estar ligada ao fato da discussão do conceito entre economia da cultura e economia criativa. Apropriando-se de uma análise de modelo econômico, podemos ver que os produtos que possuem mais incentivos oriundos do governo em forma de edital e subvenção econômica, segundo Potts e Cunningham (2008), são os bens de mérito que não possuem subsistência em um modelo de negócio sustentável.

Os padrões estabelecidos de proporcionalidade de oferta entre as Mesorregiões são únicos, com exceção das Mesorregiões Metropolitana e Noroeste, que apresentam a mesma similaridade em termos de grandeza

das ofertas. Elas mostram, em primeiro lugar, uma maior oferta de cursos de Criação Funcional; em segundo lugar, os cursos da área de Audiovisual, do Livro, da Leitura e da Literatura; em terceiro, Expressões Culturais; em quarto lugar, Artes do Espetáculo; por último, cursos da área de Patrimônio.

Para além da comparação absoluta ou percentual das quantidades e regiões que abrigam os cursos voltados à formação universitária nos setores criativos, devemos perceber que o desenvolvimento e a capacitação de profissionais neste nível vêm ampliando-se ao longo do tempo. Dessa forma, o ano de lançamento é um importante dado para determinar a curva e a tendência de aumento de formação nos setores criativos.

Gráfico 7 – Linha do Tempo de Instalação dos Cursos



Fonte: Elaborado pelos autores.

A curva de tendência apresenta um crescimento ascendente desde 1994 e aparenta coincidir com um crescimento fora da curva a partir de 2006, quando se consolida com lançamentos acima de 15 cursos do setor criativo por ano. Este é o exato momento que o governo federal lança o Catálogo de Cursos Superiores de Tecnologia, que flexibiliza alguns temas dentro das áreas dos setores criativos.

Encaminhando-se para o final desta pesquisa, a seção seguinte apresenta as últimas considerações.

## Considerações Finais

O presente levantamento exibiu um panorama, do ponto de vista conceitual da indústria criativa, da oferta de formação superior no Rio Grande do Sul. O método empregado, admitem os autores, necessita de refinamento, contudo consegue apresentar dados que tornam claro o histórico de lançamento dos cursos de formação, bem como as regiões que vêm apresentando iniciativas de formação na área.

Essa análise foi a primeira realizada na base de dados coletada durante o ano de 2013 e tem-se a pretensão de, futuramente, fazer análises estatísticas mais complexas buscando previsibilidades e tendências. Neste momento não foram abordadas as questões culturais e contextuais relativas à análise executada, com os destaques regionais de alguns setores criativos, pois pretende-se que essa análise seja aprofundada em um próximo trabalho, com um viés que busca uma abordagem metodológica que dê suporte à análise quantitativa com relação aos contextos fenomenológicos das Mesorregiões.

A essência deste trabalho está em estabelecer o primeiro levantamento gaúcho dos cursos relacionados à indústria criativa e constituir um caminho de replicação, seja temporal ou regional, para comparação com outros momentos ou Estados. Na ocasião em que novos levantamentos comecem a ser executados com periodicidade, novas constatações poderão ser relacionadas. Uma questão importante que só se consegue perceber pela repetição sazonal da coleta é a flutuação da oferta acadêmica de formação nos setores criativos, o que implica a relação econômica das empresas e a matriz produtiva de certas regiões.

Outro fator de verificação é a oferta de cursos de setores criativos em uma curva de ascendência, demonstrando consonância com o momento econômico e político. A formação e a oferta em determinadas regiões, contudo, não significa que o graduado permanecerá na região de formação, ou trabalhando na área de formação. Isso aparenta ser uma migração natural,

considerando que as cidades com maior potencial criativo tendem a ser as que realmente possuem maior pujança econômica, fazendo com que as formações em outras localidades preparem profissionais para outras regiões.

A relação da oferta dos cursos com os fatores locais (históricos, culturais, sociais e econômicos) é bastante complexa. Algumas regiões possuem uma oferta diferente de uma dimensão de setor criativo do que outras devido a essas peculiaridades, porém um modelo flexível de categorização proporciona interpretações imprecisas. Existe uma diferenciação nas dimensões propostas pelo governo entre setores culturais e criativos, ainda que no modelo aparentem estar diante de uma mesma ótica.

Sob uma análise da linha do tempo de oferta dos cursos, pode-se perceber que uma primeira onda de crescimento de oferta ocorreu antes da explosão que pode ser atribuída no Brasil à autorização da oferta de novos cursos no Catálogo Nacional de Tecnólogos. Essa explosão ocorre entre meados dos anos 60 – tendo picos no meio dos anos 70 –, quando muitos cursos das áreas de Comunicação Social e Arquitetura foram oferecidos. Em um próximo estudo pode-se detalhar a explosão do catálogo e sua influência no desenvolvimento do setor criativo gaúcho.

A continuidade no trabalho de refinamento desses dados pretende aprimorar o processo metodológico para uma aplicação ferramental em outros Estados, permitindo um comparativo no desenvolvimento das regiões com relação aos setores criativos. Outras etapas de pesquisa que fazem parte do caminho proposto de forma mais ampla irão gerar dados da ordem mercadológica e governamental para esclarecer a perspectiva histórica e as tendências futuras do desenvolvimento da indústria criativa no Rio Grande do Sul tendo em vista o cenário regional e nacional.

## Referências

ARTHUR, M.; ROUSSEAU, D. M. *The boundaryless career: A new employment principle for a new organizational era*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

- BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'água, 1991.
- \_\_\_\_\_. **À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2004.
- BRASIL. *Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para educação das relações étnicorraciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana*. 2009. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=1852-diretrizes-curriculares-pdf&category\\_slug=no-vembro-2009-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1852-diretrizes-curriculares-pdf&category_slug=no-vembro-2009-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 1º mar. 2014.
- BRIDGSTOCK, R. S. Skills for Creative Industries Graduate Success. *Education and Training*, n. 53, p. 926, 2011.
- CAVES, R. E. Contracts between Art and Commerce. *The Journal of Economic Perspectives*, v. 17, n. 2, p.73-84, 2003.
- FLORIDA, R. *The Rise of the Creative Class: And How It's Transforming Work, Leisure, Community and Everyday Life*. Nova York: Basic Book, 2002.
- FOGARTY, M.; SINHA, A. *University-Industry Relationships and Regional Innovation Systems – Why Older Industrial Regions Can't Generalize From Route 128 and Silicon Valley*. Cambridge, London: The MIT Press, 1999. p. 473-509.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.
- HEERWAGEN, J. H. *Creativity*. 2011. Disponível em: <<http://www.au.af.mil/au/awc/awcgate/doe/benchmark/ch15.pdf>>. Acesso em: 1º mar. 2014.
- HOWKINS, J. *The Creative Economy: How People Make Money From Ideas*. London: Allen Lane, 2001.
- MAFESOLLI, M. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre, RS: Artes e Ofícios, 1995.
- PLANO DA SECRETARIA DE ECONOMIA CRIATIVA. *Políticas, diretrizes e ações (2011/2014)*. 2011. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2012/04/livro-portuguesweb.pdf>>. Acesso em: 1º mar. 2014.
- POTTS, J. D.; CUNNINGHAM, S. D. Four models of the creative industries. *International Journal of Cultural Policy*, 14(3), p. 233-247, 2008.
- SIMONTON, D. K. Creativity: Cognitive, Personal, Developmental, and Social Aspects. *American Psychologist*, v. 55, n. 1, p. 151-158, 2000.
- WOLTON, D. *Internet, e depois?* Porto Alegre: Sulina, 2003.

Recebido em: 21/10/2014

Accito em: 13/5/2016